

LUSOFONIA: SONHO OU REALIDADE? Análise de um Encontro Lusofônico em Madrid

Marinalva Freire da Silva¹

A Lusofonia é um conjunto lingüístico e geográfico dos países e das comunidades lusofalantes. O português está totalmente inserido na unidade africana. Há grande enriquecimento cultural da lusofonia. Mas se faz necessário reformar este trabalho, tarefa árdua, que exige grande desafio para este século XXI, pois as línguas não podem ser neo-colonialistas. Não há língua boa nem má, há língua em conflito. A língua em si mesma não é um elemento colonial, é um elemento de comunicação. O lusofonismo é uma conquista de um espaço cultural. E os espaços culturais devem existir pacificamente, o que não ocorre em Galiza. Assim sendo, a lusofonia é um espaço fundamentalmente cultural. O termo precisa ser definido por qualquer país luso-falante: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Aconselha-se, portanto, usar o termo "unificação lingüística". O português é uma língua que está no continente africano como uma língua africana. E os países africanos já fizeram mais do que Portugal, país detentor.

A grande preocupação consiste em torno à pergunta: Como unificar a língua portuguesa?

Na concepção de Oscar Lopes (Portugal), a expressão portuguesa nos países africanos é mais forte do que nos países lusófonos. Construir lusofonia implica que, nos programas de língua portuguesa, deve haver textos não de autores portugueses apenas, mas de outros países de língua portuguesa.

Prosseguindo, esse estudioso faz um breve histórico sobre os acordos ortográficos pelos quais passou a língua portuguesa:

1911-Portugal decretou a 1ª Reforma Ortográfica promovida pelo Professor Viana, sem que o Brasil participasse. Na Academia de Letras já se lutava por um acordo ortográfico e Portugal desconheceu (e aí está o erro).

1986-Encontro no Rio de Janeiro, além do Brasil, fizeram-se presentes cinco países. Ao contrário, Portugal protestou porque esse Encontro ao invés de ser realizado em Portugal, o foi no Brasil. Nada foi decidido e os conflitos lingüísticos estão aí. Falta ser feita uma sondagem e serem levados em consideração todos os problemas apontados.

O acordo de 1986 foi uma versão da unificação ortográfica entre Portugal e Brasil, a ponto de se chamar português de Portugal e português do Brasil. Eis alguns exemplos:

1) e, o tônicos seguidos de consoante nasal, no Brasil usa-se o acento circunflexo, enquanto em Portugal, usa-se o acento agudo (é o caso das sílabas esdrúxulas: ex.: lâmpada). Quanto ao problema das sílabas esdrúxulas, foi resolvido da seguinte maneira: no Brasil e em Portugal, as sílabas tônicas levariam o acento agudo. Mas aqui já estamos acostumados ao acento circunflexo (som fechado) e o acento agudo (som aberto) continua.

Outro problema são as regras do emprego do hífen (tão complexos que quase não se usam).

2) uso das consoantes mudas: direção/ direcção; ditado/ dictado; contato/contacto; direto/directo etc.

¹ (UEPB)

Sabemos que a questão ortográfica é um hábito. Em Portugal, muitos professores e estudantes universitários já não usam as consoantes mudas. Muita gente não mais acentua as sílabas esdrúxulas. Isso foi o acordo ortográfico de 1986, no Rio de Janeiro. Portugal aceitou o acordo e Brasil, não (aqui se faz referência ao acordo de 1975). O acordo ortográfico deve ser negociado também politicamente para que a coisa funcione.

Portugal quase elaborou um novo texto a partir do Acordo Ortográfico de 1986 (Academia das Ciências de Lisboa). Este texto leva em consideração todas as colaborações dos diversos países de língua portuguesa:

- 1º) consoantes mudas ou não articuladas;
- 2º) levantamento de 110 mil palavras (Aurélio Buarque) -levantamento vocabular da Academia Brasileira de Letras (Brasil/Portugal) -divergência ortográfica (110 mil palavras= 0,5% do léxico português);
- 3º) problemas de acentuação.

Não haverá acordo se esta questão não for resolvida. E Portugal está disposto a ceder e a abolir as consoantes mudas.

10% = 110 mil palavras portuguesas empregadas no Brasil que divergem da ortografia de Portugal. Se este optar pelo uso do acento agudo na vogal fechada, vai de encontro ao hábito brasileiro. Assim, norma portuguesa: uso do acento agudo na sílaba fechada; norma brasileira: uso do acento circunflexo, o que dificulta a aprendizagem do estrangeiro (Portugal: é, ó -aberto e fechado; Brasil: ê, ô (aberto), ê, ô (fechado)).

Quanto ao emprego do hífen, há palavras de vários dicionários que as empregam com e sem hífen. Será levado em consideração o acordo de 1986, para se estabelecerem as regras do hífen.

No léxico brasileiro, chamou a atenção do Prof Oscar Lopes (Portugal) o registro da palavra pan-americano e panamericano, pois implica o uso de duas grafias para uma mesma palavra. Segundo o aludido estudioso, numa mesma geração os luso-falantes passaram por três reformas ortográficas.

No nosso léxico, há 30 % das palavras esdrúxulas, das quais 10% são terminadas no sufixo *-ico*: prático, lógico, psicológico etc.

O acento está determinado pelo paradigma verbal: *fosse -fossemos* (pode ser usado sem acento). Comentando sobre a unidade lingüística, O Prof Oscar Lopes diz que, atualmente, aceita-se a idéia de bilingüismo: uma criança pode aprender simultaneamente duas línguas.

A expansão dos meios de comunicação social facilitou o conhecimento dos valores culturais de uma determinada comunidade: cinco países africanos luso-falantes ajudam-se, e o fator comum é a língua portuguesa junto à realidade cultural de cada comunidade.

Os impérios econômico e político devem ser substituídos pelo império cultural. Falamos de um espaço transcultural ou um espaço racista? Os espaços culturais devem existir pacificamente, mas isto não ocorre numa Galiza.

Na concepção de José Luis Fontenla (Galiza), a Comunidade Européia tem grande interesse pela lusofonia, e está disposta a dar apoio para a política lusofônica. E isto tem de ser levado a cabo por Portugal e Brasil, responsáveis maiores pelo acordo ortográfico. A Comunidade Européia aceita a unificação ortográfica entre português e galego. E a Real Academia Espanhola apóia a iniciativa.

Os portugueses têm de defender a língua, o que, lamentavelmente, não ocorre. Ao invés de se impor lingüisticamente nas reuniões da CE, Portugal emprega o francês, enquanto a Espanha se impõe e só se comunica em espanhol.

Portugal e Espanha. dois países com grande potencial lingüístico, podem lutar contra o francofonismo.

Discorrendo sobre a língua galega, Prof. Antonio Gil Hernández (Galiza) afirma que esta não tem norma oral. mas existe uma certa normatização na escrita. A teoria de "escrever como se fala ". é melhor não escrever. No galego há muita interferência lingüística do castelhano *precio (galego) precio (cast.)*, pelo menos até 1978. Isto se deve, primeiro, à teoria de imediatez do jornalismo; segundo. à notabilidade portuguesa esqueceu-se de sua notabilidade e caiu na irracionalidade; terceiro, a língua é a expressão da nação, assim. os responsáveis esqueceram-se do espírito de nacionalidade.

É importante o discurso da unidade. pois mesmo que não se entenda, é a mesma língua. Por exemplo. o espanhol falado em Andaluzia é um tipo, vai-se à Argentina; encontra-se outro falar. o "argentino".

Os galegos estão muito dispersos. A norma é única, mas a escrita é que é diferenciada (a norma oral diverge. mas a norma escrita deve ser a única).

Abordando sobre o texto literário, o Prof Antonio Gil Hernández (op.cit) alude a que a escolha deste é muito importante para a aprendizagem da língua materna, qualquer texto é algo perigoso para o sistema político, daí a preocupação dos órgãos educacionais neste sentido. O texto literário, com sabemos, é escrito. Um texto literário, valiosamente literário, escrito em galaico-português, é desconsiderado pelas autoridades.

Quanto ao tema da língua padrão, que é a língua do poder, é um tema excitante porque, mesmo que se queira deixá-lo de lado, algum poder existe.

Prof. Isac Estraviz (Galiza), tratando de unidade estrutural da língua portuguesa, afirmou que a unidade de língua é coisa muito séria e "não nos sentimos colonizados nem queremos colonizar ninguém. queremos a unidade lingüística. Nesse sentido. ele cita dois princípios para a unificação lingüística: 1º) uma língua que tenha, na teoria, a mesma estrutura deve ter uma grafia unificada; 2º) tentativa de unificação na oralidade.

Prof. Evanildo Bechara (Brasil), tratando da unidade lingüística, referiu que a ortografia sobreleva o coletivo pelo individual: "lágrima" (y) -porque o y traduz o rolar de lágrima, "Ruy" (y)- traduz cultismo; "Homem" (H); "Professor" (p). O retrocesso da Comissão estar em criar duas normas (agudo: som aberto; circunflexo: som fechado), o que prejudica a unidade lingüística.

Quanto ao hífen, a Comissão deve voltar ao tradicionalismo. Assim, fenômeno (Portugal)/fenômeno (Brasil) é algo muito sério para o aprendizado da língua. Os estudiosos Mário Barreto, Sousa da Silveira e Antenor Nascentes (grandes mestres da língua portuguesa no Brasil) aderiram à decisão do Prof. Gonçalves Viana, em 1911.

A Academia Brasileira de Letras. há muito tempo, era porta-voz das decisões sem ter em seu seio lingüistas e filólogos, ela deu as costas por longo tempo aos filólogos.

Considerando que o emprego do traço de união ou hífen passou a ser um traço de desunião entre os lingüistas. o Prof. Evanildo Bechara opina pela sistematização radical do hífen e do acento agudo. Prosseguindo, este estudioso afirma que ensinar língua não é ensinar teoria; e ensinar a definir as categorias gramaticais não é ensinar língua. Este é o maior erro do professor (colocar a sua informação entre ele e o aluno). Outro erro do professor é dizer que a língua padrão é a língua portuguesa (e o que não é padrão, isto não é português ?). E o professor começa a dizer "isto não é português".

É necessário se levar em conta a competência do aluno. E cita o seguinte exemplo do seu filho: "Compre 2 roupas e leve 3". Bechara fez a compra. Ao chegar a casa, seu filho lhe disse que o vendedor havia colocado menos roupa. Bechara abriu o pacote, contou e disse que estava

certo. O filho lhe disse: "Não, a televisão diz que comprando 2, leva 3; e $2 + 3 = 5$ ". Isto vem confirmar a teoria de que nenhum falante domina na totalidade a língua.

Língua padrão neutra: função representativa da linguagem.

Língua padrão estética: função estética.

É preciso que o Professor situe bem o texto. Dar ao aluno texto de Guimarães Rosa é um absurdo, pois este escritor usa uma linguagem não falada.

Existe uma intenção política no ensino da língua. A política populista: tudo o que é padrão, é rejeitado, porque é o poder. E se desenvolve na criança a idéia de que sua língua coloquial é o correta. Isto é um perigo muito grave.

Comentando a frase "minha pátria é a língua portuguesa" (José de Alencar), o Prof. Evanildo Bechara afirma que José de Alencar teve um projeto de língua brasileira. O mesmo ocorreu com Gonçalves Dias: "minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam) não gorjeiam como lá..." Vemos nestes versos Gonçalvesianos uma alusão à fauna e à flora brasileira. Com o Romantismo surgiu o espírito de brasilidade, de defesa pelas coisas do Brasil, segundo a Profª Maria Beatriz Wergert (Brasil). Debatendo, ainda, sobre o tema em análise, Bechara refere que o pronome pessoal oblíquo "se" não reflexivo, é visto com certa cerimônia em Portugal, enquanto o pronome pessoal oblíquo "consigo" no Brasil, não é forma generalizada como em Portugal, é usado apenas por pessoas de linguagem literária.

José de Alencar exerceu cargo político e seu partido político era oposto ao do Imperador D. Pedro II. Ele era muito rigoroso em suas opiniões e tecia fortes considerações em tomo dos que assessoravam o poder.

E como criticar José de Alencar?

- Através da língua. O mesmo feito ocorreu com Rui Barbosa. Ao invés de publicar o texto da Constituição, passavam a criticar sua linguagem.

- José de Alencar queria mostrar o seu domínio de língua e estava acima do nível cultural dos seus críticos. Ele sabia que o problema do emprego do pronome era uma questão puramente fonética. Daí José de Alencar usar os verbos "chupe" e "sorve" em *o povo que chupe o caju, a manga, sorve o figo, a pêra, o damasco [...]*

Concluindo seus comentários, Evanildo Bechara diz que José de Alencar não queria outra língua, mas um outro estilo lingüístico. A preocupação de José de Alencar é a busca da identidade nacional. E o Prof. Jucá defendeu a tese -no Colégio D. Pedro II (Rio de Janeiro) - de que, além desta preocupação, José de Alencar foi um clássico da língua. O mesmo ocorre com Jorge Amado que tenta estabilizar a língua falada.

Prof. Mário Soares (Portugal.) afirma que a Lusofonia é o orgulho nacional português. Ele tece comentários sobre a língua falada. Segundo ele, todos os países de língua portuguesa estão preocupadas com a fenômeno da lusofonia. A (língua) aprendizagem do português não deve ficar apenas na sala de aula, sob a responsabilidade do professor de língua portuguesa, mas no âmbito de toda a sociedade.

Quanto aos textos literários na sala de aula de português, há sempre referência aos "bons autores". E quem são estes "bons autores"? Ele se preocupa porque a juventude atual lê pouco.

Para ele, quem quiser conhecer o mundo, não precisa ler, basta ligar a televisão. E o professor não pode mentir cientificamente porque o aluno contesta a partir de um programa que ele assistiu na televisão. E o problema do desenvolvimento da sensibilidade estética está ligado ao desenvolvimento da sensibilidade criadora.

O problema da existência da leitura não é bom nem mal; ligado ao processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, a leitura, infelizmente, necessita de reparos uma vez que a

televisão transmite informações culturais e notícias do cotidiano. É preferível a leitura do jornal à leitura do texto literário “que o aluno deve ler”. Isto significa que a leitura do texto literário é muito complexa.

O Prof. Rui Vieira de Castro (Portugal), afirma que o texto literário deve ser aquele legitimado como literário. Para ensinar uma língua, é necessário se ter conhecimentos lingüísticos (desta língua), conhecimentos de práxis e do ensino-aprendizagem.

A Profª Maria Beatriz Weigeit (Brasil), alude a que, no caso da Galiza, a mensagem é o próprio texto. Prosseguindo, ela diz que a literatura passa exatamente pela emoção. O professor tem de proporcionar ao aluno a escolha do seu texto (através de um acervo de livros, música etc). Mas o gosto pela leitura deve começar em casa com o estímulo dos pais.

Tratando das aplicações de didática geral no ensino da Língua, o Prof. José Paz Rodrigues (Galiza) frisa que o professor é a arma do ensino. É muito importante ensinar na língua própria do país. Prosseguindo, afirma que o professor tem de ter a capacidade para desenvolver o seu conteúdo (desenvolver um currículo específico para um lugar concreto), pois o conteúdo único para toda realidade é meio utópico.

Assim, chegamos ao final de um simples comentário sobre o II Encontro Internacional de lusofonia, ocorrido em Madrid (1988), esperando ter contribuído para um esclarecimento sobre a dificuldade de se concretar completamente a exeqüibilidade deste tão falado Acordo Ortográfico ou Lusofônico.

